

TORNAR-SE MULHER: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

Gabriela Dalla Torre Silva (PIIC/ Uem), Aline Sanches (Orientadora), e-mail:
psicoaline@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
/Maringá, PR.

Psicologia / História, Teorias e Sistemas em Psicologia

Palavras-chave: Psicanálise, identidade, gênero.

Resumo:

A temática do feminino permaneceu envolta em enigmas ao longo da história e passou por diferentes explicações, oscilando entre a política, a ciência e a mitologia. Durante era moderna, essas explicações pautavam-se em teorias científicas que naturalizavam e justificavam a feminilidade e seu destino à passividade. A partir do século XX, autoras como Beauvoir e Butler, desnaturalizaram as concepções biológicas ao compreender a dimensão cultural do gênero, o que colocou em xeque as teorias naturalistas. Partindo do entendimento que os conceitos fundantes da teoria psicanalítica envolvem compreensões sobre o gênero, nos perguntamos quais seriam as implicações da psicanálise para o debate dessas temáticas. Sendo assim, articulamos as teóricas de gênero à teoria psicanalítica proposta por Kehl, a qual compreende a mulher enquanto marcada pela condição de falta e pela posição de objeto diante de um Outro fálico. A partir de olhar crítico para a teoria psicanalítica, objetivamos sugerir possibilidades e deslocamentos do processo de *tornar-se* mulher, para além dessa posição de objeto e de passividade. Para isso, foi realizada uma pesquisa conceitual em psicanálise, através de uma análise bibliográfica de partes das obras de Beauvoir, Butler e Kehl. Através dessa pesquisa, nos propomos refletir e questionar as teorizações acerca da mulher e da feminilidade.

Introdução

Ao longo da história, as temáticas referentes ao feminino sofreram estigmatizações nos mais diversos campos do saber, dentre eles a medicina, a política e a psicanálise. Esses saberes contribuíram para a produção e a manutenção da posição subalterna da mulher no discurso e no meio social. Assim, os discursos sobre “o que é a mulher?” foram marcados por comportamentos e insígnias que designam a ideia social de feminilidade, como a maternidade, o serviço-doméstico e a dedicação ao casamento. A psicanálise, enquanto área de produção de saber (e poder), não esteve ileso a essas problemáticas, ao passo que contribuiu para a reprodução dessa normatividade ao atribuir a mulher o caráter de passividade e a castração.

No entanto, com a ascensão dos movimentos sociais durante as décadas de 60 e 90, os estudos das relações de gênero que fundam a teoria feminista passam a se fazer presentes em outras áreas de produção de saber. As teóricas desse período irão aprofundar os estudos de gênero a fim de evidenciar sua dimensão social e contribuir para desnaturalização da condição da mulher. Assim, Beauvoir (1967) introduz o debate sobre o gênero condição social da mulher no campo filosófico, ao descrever o trajeto vivido pela mulher desde o nascimento até a idade adulta, a fim de relacionar a vivência psíquica da mulher às intervenções culturais que atravessam sua existência. Mais adiante Butler (2005) vai além e avança nas discussões sobre o gênero, introduzindo a noção de sujeito performático e de uma identidade fluida. Mais adiante Butler (2005) vai além e avança nas discussões sobre o gênero, introduzindo a noção de sujeito performático e de uma identidade fluida.

A partir dessas discussões, Preciado (2019) realiza críticas à teoria psicanalítica, em que denuncia o caráter binário e hierárquico presente no discurso psicanalítico. Segundo ele, os conceitos norteadores da psicanálise refletem uma perspectiva universalizante do regime da diferença sexual que estanca as possibilidades de pensar em identidades de gênero que transgridam a lógica binária. Com base nessas problemáticas, buscou-se no presente trabalho compreender os conceitos de gênero e identidade apresentada pelas teóricas Beauvoir (1967) e Butler (2005), de modo a articular com a teoria psicanalítica apresentada por Kehl (2016). Com isso, objetivamos formular críticas e perspectivas para a implicação da psicanálise na discussão sobre os gêneros que possa contribuir para subversão à lógica heteronormativa e patriarcal.

Materiais e métodos

Essa pesquisa se constituiu como pesquisa de natureza qualitativa, na perspectiva conceitual da psicanálise. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico a partir de comentadores das obras de Beauvoir (1967) e Butler (2005), a partes selecionadas das obras de ambas as autoras, assim como a teoria psicanalítica exposta na obra de Kehl (2016), a fim de obter-se maiores compreensões sobre a temática da identidade de gênero.

Resultados e Discussão

O processo de subjetivação vai sendo determinado pela cultura a partir do sexo biológico. Desde então, ocorre a determinação social do gênero do sujeito que se caracteriza pela binaridade masculino e feminino. No pensamento ocidental, essa ligação íntima entre biologia e gênero foi alicerçada pelas fundamentações científicas tecidas durante a modernidade. Durante o período moderno, o papel social delegado as mulheres (maternidade, trabalho doméstico, casamento) e a suposta inferioridade intelectual e fragilidade feminina eram entendidos como meras expressões das características naturais do corpo.

A fim de ressaltar essa dimensão social do gênero, Beauvoir realiza sua célebre afirmação “Ninguém nasce mulher, tornar-se mulher”. Através da frase da autora, é

possível compreender que o ser mulher, o gênero, não é uma questão que predetermina a inserção do sujeito na sociedade, mas que envolve uma série de fenômenos vivenciados ao longo da vida que vão construindo a identidade. Assim, Beauvoir descreve como esse processo de tornar-se mulher imprime marcas subjetivas que condicionam a mulher ao lugar de objeto de desejo de um outro masculino. Resignada a essa posição, não consegue alçar-se a posição de sujeito ativo, e permanece alienada aos seus próprios desejos.

Com isso, Beauvoir (1967) evidencia que a desigualdade existente entre os gêneros não é natural, o que permite pensar movimentos para luta contra essas condições. Butler (2005) avança na discussão sobre o gênero, introduzindo a noção de sujeito performático, no qual o gênero não seria algo que se é, mas algo que se faz. A partir dessa visão, Butler (2005) abre espaço para a compreensão de um sujeito em processo, permeável, que fluiria suas características de modo a não se encaixar nas normas do masculino e do feminino impostas pela binariedade.

No entanto, ao olharmos para a teoria psicanalítica sob as lentes dessas críticas, é possível perceber que seus fundamentos repousam em conceitos como complexo de Édipo e complexo de castração. Esses conceitos, por sua vez, fundam-se em concepções como feminino e masculino, ativo e passivo, fálico e castrado. Com isso, nos perguntamos: haveriam possibilidades de pensar a psicanálise além da lógica binária? É sob essa inquietação que Preciado (2016) critica a universalização desses conceitos. O autor aponta a patologização dos corpos que não obedecem a lógica binária/heteronormativa, apontando as raízes e os impactos patriarcais que envolvem a psicanálise.

Em busca de tecer articulações para esboçar respostas à estas questões, recorreremos a obra de Kehl (2016). A autora se interroga como a mulher poderia deslocar-se da posição de objeto passivo para a posição de sujeito desejante? Kehl (2016) aponta alguns caminhos para possibilidades de deslocamentos para a mulher de acordo com a psicanálise. A autora enfatiza a mobilidade presente na linguagem, nos discursos que influenciam na constituição do psiquismo dos sujeitos. Além disso, aponta a possibilidade de deslocamento da posição simbólica de castração atribuída ao feminino, que possibilita a mulher alcançar outras realizações de desejos que não estejam no campo da maternidade e a relação amorosa com outro homem, por exemplo. Kehl indica ainda que “o inconsciente, de onde se manifesta o sujeito, é *sexual, mas não é sexuado*.” (Kehl, 2016, p. 169), e que, portanto, não existiria para a psicanálise um fator constitutivo que justifique o binarismo de gênero atualmente difundido pela cultura. Logo, isso abre caminhos para pensar em uma psicanálise que abranja formas plurais da sexualidade e expressão identitária.

Conclusões

Por meio da realização dessa pesquisa, foi possível concluir que as teorias propostas por Beauvoir (1967) e Butler (2005) a respeito da identidade de gênero concordam com a teoria psicanalítica exposta por Kehl (2016) quanto à inexistência d'A Mulher, ou seja, com a existência de um traço essencial ou uma característica definidora do que seria a mulher. Mas que cada mulher é de maneira singular e inequívoca. O que pode ser percebido em comum, e em que converge a visão das

autoras citadas, são os signos da feminilidade performados pelas mulheres, os quais são apresentados pela cultura e que circunscrevem o comportamento dessas. Signos esses que possuem fins políticos, o de restringir o acesso ao poder feminino e manter a estrutura patriarcal.

Além disso, foi possível concluir que o sistema patriarcal é mantido através dos poderes difundidos pelo discurso, e que o binarismo que engendra as relações de gênero é também um elemento de manutenção desse poder. Quando voltamos o olhar para a psicanálise, percebemos esse binarismo, de modo que não há uma ruptura radical com esse modelo na teoria psicanalítica exposta por Kehl (2016), à medida que continua-se utilizando as ideias de masculino/feminino, homem/mulher, ativo/passivo. No entanto, a autora oferece argumentos e possibilidades conceituais em psicanálise para pensar em deslocamentos das condições do homem e da mulher em sociedade, de modo a quebrar a coerência exigida pela heteronormatividade. Além disso, Kehl evidencia a indeterminação sexual constitutiva própria do inconsciente psicanalítico. Esses elementos contribuem para pensar em uma psicanálise para além da norma binária, que podem ser explorados em pesquisas futuras.

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora pelas orientações, indicações e conversas que possibilitaram a construção dessa pesquisa.

Referências

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**: A Experiência Vivida. Trad de Sérgio Milliet. v. 2 São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 179-183, Jan./Abr. 2005.

KEHL, M. **Deslocamentos do feminino**. 2 Ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PRECIADO, P. B. 2019. Um apartamento em Urano (Conferência) [Trad. C. Q. Kushiner & P. S. Souza Jr.]. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n. -8, p. 12, 2019. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2019/12/08/n-8-12/>>.